



Ensino de filosofia e filosofia da educação na América Latina: reflexões (in)devidas sobre o conceito de diálogo no contexto da educação profissional em if(s) de Alagoas e Pernambuco

POR LUIS LUCAS DANTAS DA SILVA Y
WILLAMIS APRÍGIO DE ARAÚJO

lucas.silva@ifal.edu.br

willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br

Parece importante antecipar que não dicotomiza-se realização pessoal e realização comunitária. E também se registra ciência de que a prática educativa e de modo especial a educação profissional deve concorrer, sobretudo, para colaborar com tal realização. Assumi-se o risco de abarcar uma atitude dialética na qual se reconhece que as ações que nos torna pessoas realizadas não prescindem do encontro existencial em moldes dialógico com o outro, numa dinâmica que expressa atividade e a passividade do sujeito frente ao chamado à relação dialógica com os seus pares.

O ato de fazer-se como sujeito consubstancia-se como resposta a alteridade do ser que estar no face a face numa postura de reciprocidade. A resposta para tal pergunta vem sendo perseguida na análise dos textos buberianos os quais estão contribuindo como um norte conceitual, além de outros livros, artigos, teses e dissertações produzidas sobre a temática. A realização de seminários faz parte de nossa metodologia para buscar responder à problemática. Nesse sentido, a reflexão e o entendimento pessoal ancorado pela experiência de cada um se fazem importantes no conjunto da presente pesquisa.

Após o surgimento do Iluminismo no imaginário social o sentido da educação toma novos rumos. A prática educativa torna-se uma prática de ensino-aprendizado intelectual e técnica cujo ofício é o desenvolvimento de uma razão instrumental. A educação ao invés de capacitar o indivíduo para o convívio social, para a vivência em comunidade, instaura-o num mundo de disputa, de competitividade, portanto, num mundo onde o outro é visto como meio e não como fim em si mesmo. Diante deste



contexto que a Filosofia e, de modo singular, o ensino juntamente com a pesquisa, buscam compreender o processo de formação humana e o modo como as relações sociais vem sendo construídas.

Pensar a educação é pensá-la como formação humana, e isso implica em relacioná-la a valores, a princípios, que abarcam um universo mais amplo que a qualificação intelectual e técnica. Educar é, sobretudo, formar o ser humano nas suas diversas dimensões: física, espiritual, social, moral, afetiva, etc. A educação, no seu sentido formativo, é vista como uma ação, vivência capaz de conduzir a pessoa ao encontro consigo mesma e com o outro. No mundo moderno, onde está à ação educativa que possibilita ao indivíduo o encontro consigo mesmo e com o outro? Reificada devido à ausência de uma relação genuína, isto é, devido à incapacidade de dizer Tu.

O indivíduo não consegue mais acessar a sua singularidade, porque a educação está voltada para o individualismo ou o coletivismo. O outro não é visto como aquele que confirma a existência do Eu, mas como um objeto de experiência e de manipulação. Enquanto a educação deveria atender à idéia de formação humana, isto é, de proporcionar ao indivíduo um processo de desenvolvimento integral [...] e, conseqüentemente, fazer com que ele torne-se o que é, ela não contribui para a experiência da autoconsciência, para o encontro com o próprio ser. Uma educação que proporcione ao indivíduo o encontro com o seu si mesmo, está, quase que em sua totalidade, esquecida pelas teorias e práticas educacionais modernas.

Filosofia e Educação: reflexões (in)devidas

A reflexão crítica e a problematização sobre a educação foi, no decorrer da história, evidenciada com suas diversas teorias no âmbito sociológico e filosófico, ambos sempre tentando imprimir na educação uma conotação política, social e espiritual. Martin Buber, com sua filosofia do diálogo tornou-se figura célebre nesta discussão educativa. Ele teve uma importante contribuição no tocante à educação ao percebê-la e tematizá-la em vista de uma formação humana a qual proporcionava ao homem, a efetivação de sua autenticidade. Portanto, nos relata Santiago (2002, p.80) que “a filosofia de Martin



Buber indica o caminho segundo o qual compreendemos e delineamos a possibilidade de um processo formativo que nos conduza à plenitude da existência, por nos levar ao encontro com o outro”.

Logo, urge um singular questionamento à educação: que tipo de ser humano se quer formar? A cultura moderna não sabe mais o porquê e o para que educar. Ela não pergunta mais pelo propósito e nem pela finalidade da educação, devido à incapacidade de enxergar o ser humano como fim em si mesmo. Podemos vislumbrar o significado dado à educação no decorrer de toda uma história da filosofia. A prática educativa que abarca o sentido natural da educação encontra-se enraizada na Paidéia grega e nas sociedades tribais, nestas, segundo Brandão (1984, p.10) “as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida”.

As escolas colocaram a educação imersa num complexo debate, político e econômico, priorizando a promoção de hierarquias sociais, o que fez do saber comum dividir-se dando origem à desigualdade e a fragmentação do exercício da formação integral do homem. Quanto à relação educativa legada pelos gregos, Santiago (2002, p.56) nos relata: “A educação tal como os gregos a compreendiam, encontra-se em profunda relação com a cultura (Paidéia)”. Ela chega ao mundo moderno como um processo que versa sobre uma perspectiva de desenvolvimento da pessoa. Martin Buber inscreve-se nesta imensa discussão sobre a educação na medida em que atribui a ela uma perspectiva formativa, humanista. Seu pensamento justifica-se quando a educação é inserida num viés sócio-espiritual. Buber vê à educação como possibilidade do homem reaprender a viver na autenticidade da relação, portanto, para ele educar é formar o ser humano para relacionalidade recíproca.

O paradigma moderno da educação está, eminentemente, vinculado ao conhecimento técnico, teórico e, sobretudo, utilitário. Este reverbera numa relação humana objetificante e egóica, as quais se julgam não ser base para uma verdadeira relação humana. Tal relação para Buber está vinculada a sua concepção genuína, Eu-Tu e não a concepção moderna do egotismo. Educar para ele significa a possibilidade de conduzir



o educando a mudança na sua forma de relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Tal mudança é possível quando a práxis educativa assumi o caráter da presentificação do outro na construção do conhecimento. Buber, procura de uma forma incansável, o resgate do humano corrompido pelas exigências de uma razão utilitária. Este se dar na medida em que o processo formativo promova a superação das práticas educativas individualistas e coletivistas, mostrando assim, que o ser humano é ser de relação e, sobretudo, possibilitando-o tal vivência relacional.

O homem moderno carece de uma formação que o instaure numa presença a si mesmo e, conseqüentemente, ao outro, o livrando de uma existência vazia e sem sentido que a modernidade o proporcionou. Portanto, nossa problemática encontra seu eixo central na relação entre o conceito buberiano de diálogo na relação educativa e a formação humana, no sentido daquele, a uma visão particular, ser condição *sine qua non* para a construção desta. Para tanto, evoca-se a questão: na perspectiva buberiana, como o diálogo na relação educativa pode concorrer para o processo de formação humana? Ou ainda, como se dá à articulação, em Buber, do diálogo com o outro e a formação da comunidade autêntica? Sobre tais questões justifica-se a pertinência da pesquisa vigente e também se aponta a contribuição da Filosofia ao ensino e à educação de modo geral através da atividade de pesquisa, indissociável com os demais pilares que também constituem as diretrizes e missão dos Institutos Federais no Brasil. São eles além da pesquisa, o ensino e a extensão.

Buber defende a ideia de uma autenticidade do Eu na relação, para que a partir desta autenticidade o Eu possa está apto para acolher o Tu que lhe é dado irrestritamente. O desenvolvimento de uma responsabilidade – “obrigação” que o Eu tem de responder ao Tu que se oferece ao diálogo, na prática educativa, em Buber, é base concreta que nos permite vislumbrar a efetivação de uma proposta formativa com vistas à criação da comunidade. A concretização desse pressuposto está na forma como nós instauramos nossa existência no mundo, isto é, como nos relacionamos com o Tu que nos é dado gratuitamente.



O homem é um ser de relação, só assumindo sua condição de existência, a qual é possível mediante um processo formativo, é que ele caminhará para o encontro com a plenitude de sua respectiva realização humana. A presença da Filosofia buberiana no desfecho da pesquisa deve ser tomada como relevante e pertinente por ser dada atenção para a contribuição reflexiva que tem sua base a partir de uma antropologia filosófica que busca se propor como fundamento investigativo de uma proposta educativa que visa a formação integral do humano. Por isso este trabalho explicita uma intenção de estudo a fim de mobilizar os Campi envolvidos no intento de perscrutar a especificidade desse pensamento que doravante se oferece a integrar as reflexões educacionais que intentam investigar acerca da postura existencial do homem frente ao mundo que o circunda.

O conceito de diálogo na pesquisa em Filosofia

A necessidade de espaços públicos para a discussão de temas de natureza filosófica tem sido cada vez mais reconhecida, não somente como lugar do exercício igualitário e democrático de expressão de ideias e da construção de conhecimento, mas, sobretudo como o espaço no qual o pensamento pode gerar ações que contribuam para uma coexistência mais esclarecida, mais autêntica. O estudo dialógico que se realiza em grupo constitui o modelo pedagógico-filosófico por excelência (pensemos, por exemplo, nos gregos do período clássico e seus entusiásticos debates na *Ágora*).

Nesse sentido, a criação de tal espaço implica a valorização da prática filosófica do questionamento, da investigação e da reflexão enquanto instrumentos relevantes a uma compreensão rica e aprofundada do existir humano, das respectivas instituições, as quais ele vive, e de seus sintomas mais atuais, pois, vivemos numa época de novas configurações das relações interpessoais, dos valores, e, portanto, da vida. Martin Buber, com sua filosofia do diálogo, inscreve-se nesse contexto histórico e, portanto, social na medida em que nos alerta acerca do enclausuramento vivido pelo homem contemporâneo devido a sua recusa ao vínculo ontológico, a vida dialógica.



O estudo da obra *Eu e Tu*, portanto, se justifica pela própria dinâmica a qual perfaz sua leitura: o diálogo com seu interlocutor. Tal diálogo possibilita ao homem o reconhecimento da alteridade como princípio fundante da verdadeira existência entre os homens. Buber (2007, p.7) nos alerta no que segue: “Toda vida verdadeira é encontro. Eu só existo na medida em que digo Tu ao outro, aceitando-o irrestritamente em sua alteridade, com a totalidade do meu ser, e por ele sou assim aceito. O Eu sem o Tu é apenas uma abstração”.

A realização de um projeto que expõe a importância da filosofia humanística de Martin Buber e que dê conta de sua compreensão sobre educação com fins dialógicos justifica-se e ganha ênfase no fato de existir nele uma singular preocupação essencial e prática com a autenticidade da relação humana já que esta é a maneira pela qual, segundo Buber, se pode acessar a plena realização do humano. Educar é formar o ser humano para relação autêntica.

O desejo de pesquisar sobre o conceito de diálogo e sua interface com a ação educativa nasceu da necessidade deparada nas instituições as quais são alvo da respectiva atuação docente e na sociedade como um todo, de uma reflexão pedagógica que possibilitar-se ao sujeito a aquisição de sua singularidade em vista de uma participação efetiva na construção do conhecimento comum, e, ao mesmo tempo, de oferecer uma hipótese para a concretização de uma educação anunciada pelos gregos que pudesse proporcionar ao indivíduo uma forma autêntica de se compreender e se relacionar com o outro, com o mundo e com Deus. Segundo Santiago (2008, p.138) “o diálogo é uma dimensão da vida que nos liga ao absoluto.

O humano transcende a sua condicionalidade na medida em que se lança na relação com o outro, em relação real de ser para ser. Ao estudar Martin Buber, antropólogo e filósofo vienense, desencadeou-se um interesse ainda maior pelos elementos constitutivos de uma formação humana. Frente à diversidade e a complexidade desses elementos, parece-nos pertinente definir um marco teórico que possa dar conta do singular aspecto educativo em Martin Buber.



O conceito buberiano de diálogo, na ação educativa, pode não provocar uma reflexão em especialistas e docentes acostumados com a legitimidade da hierarquia docente e com a passividade discente na construção do conhecimento. Afinal, estas pessoas não estão preocupadas; em despertar o sujeito para sua singularidade, para o protagonismo da construção do conhecimento e, nem tão pouco, com sua formação humana integral. Docentes e discentes estão imersos no mundo moderno, cujas marcas são a individualização, a instrumentalização da linguagem, o egotismo, a exacerbada satisfação pelos seus progressos materiais, a subjetivação das capacidades individuais e a ausência de sentido de humanidade.

A ressonância de uma investigação acerca da formação humana pleiteia proporcionar ao sujeito a apropriação de sua singularidade, a qual só é possível na teia da relação, pois segundo Buber (2004) Eu só existo na medida em que digo Tu ao outro, aceitando-o irrestritamente em sua alteridade, com a totalidade do meu ser. A cultura é responsável pela transmissão do conhecimento comum e a formação da pessoa. A modernidade está mergulhada num tipo de cultura que instaura o sujeito num mundo individualista ou coletivista onde o mesmo ou se torna uma ilha, ou uma massa amorfa.

Imersa no bojo das concepções legada pela modernidade, a educação perdeu seu caráter natural encontrada na Paidéia grega. Deixou de lado seu papel no processo de potencialização do sujeito para conferir legitimidade a um paradigma educacional capitalista onde às relações humanas são descartáveis, hierárquicas. A cultura moderna não está preocupada em desenvolver transformações significativas nas relações humanas nem promover o protagonismo do sujeito; ela reduz o âmbito educativo a relações formais de ensino-aprendizado e, estas, na maioria das vezes, são descomprometidas entre conhecimento e vida; a efetivação da transformação do sujeito e seu desenvolvimento pleno não acontecem. Os aspectos sobrepostos à prática educativa moderna são determinantes para a assimetria que se instaura entre o homem e a sensibilidade: consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Como se sabe, o tema sobre a educação foi tratado por Martin Buber. Este ganhou ênfase na medida em que foi entendido por sua ontologia da relação: “Meu Tu atua sobre mim



assim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam” (BUBER, 2004, p.62). A compreensão buberiana de educação nos parece complexa e pouco sistemática. Sua proposta educativa é evidenciada de tal maneira que se liquefaz qualquer compreensão feita a respeito dos princípios educativos. Isto se justifica porque o seu pensamento está ancorado, eminentemente, sobre o problema do homem, cuja discussão extrapola qualquer tentativa de uma abordagem objetivante e sistemática. Já se evidenciou que o homem é um ser de relação, esta, por sua vez, só é possível de forma autêntica na medida em que ele é capaz de torna-se presente a si mesmo e ao outro. A formação humana só poderá acontecer plenamente se o homem tomar conhecimento de sua responsabilidade no diálogo.

Portanto, o legado educativo buberiano pode ser compreendido a partir do fenômeno da relação recíproca, este se encontra presente em sua obra *Eu e Tu* quando Buber (2004, p.34) nos diz: “Presença significa presentificar e ser presentificado”. Na modernidade configuraram-se uma crise cultural no tocante as relações humanas. Esta reverbera no afastamento do homem de si mesmo, do outro e do mundo. O homem moderno está, em sua maioria, sendo formado para viver no parecer, para produzir uma imagem, uma aparência de si para o outro. Isto o afasta de sua identidade verdadeira causando um grande problema à construção da verdadeira identidade humana. É nessa perspectiva que compreende-se a importância do legado buberiano para a educação dialógica, quando ele é vislumbrado como um caminho que possibilita ao homem a vivência autêntica nas relações.

Assim, portanto, a compreensão buberiana de educação torna-se um convite mediante a proposta e missão educativa que o Instituto Federal ao consolidar ensino-pesquisa-extensão pleiteia no processo de construção de uma identidade social. Cada Instituto se constrói mediante a sociedade no qual está inserido. É, da sociedade enquanto espaço de integração, observação e até mesmo inspirações, que se lança base para a elaboração de diretrizes e cursos (com suas especificidades e planos de ensino), bem como o próprio terreno nas atividades de pesquisa e de extensão. Sendo assim, cada Instituto possui a marca social que o circunda. O diálogo e a vivência do tripé (ensino-pesquisa-extensão) entre os Institutos Federais tendem a enriquecer experiências, percepções e



consolidar planos de trabalho conjunto e benefícios para todos que formam cada Campi em sua abrangência humana. Daí, a integralidade entre os Institutos de Alagoas e Pernambuco, justifica-se na possibilidade de consolidar estratégias de ação através da proximidade dos cursos técnicos que são oferecidos bem como da realidade histórico-social que caracteriza, sobretudo, o corpo discente de cada instituição escolar.



Referências

ARAÚJO, Willamis Aprígio de. Martin Buber e a gestão dialógica: um caminho de efetivação para comunidade autêntica. 2012. 55 f. Monografia (Especialização em Educação). Faculdade Frassinetti do Recife, Recife, 2012.

_____. Ética e Alteridade: uma leitura a partir da filosofia de Martin Buber e suas implicações para a compreensão do outro. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2014.

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Trad. Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL (1998). Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, MEC.

BUBER, Martin. EU e TU. Trad. e introd. de Newton Aquiles Von Zuben. 9 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. Do diálogo e do dialógico. Editora Cortez e morais. São Paulo, 1977.

EBY, Frederick. História da educação moderna: teoria, organizações e práticas educacionais. Trad. Maria Ângela Vinagre de Almeida. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

GIKOVATE, Flávio. A arte de educar. Curitiba: Nova Didática, 2001.

DEKENS, Olivier. Compreender Kant. Trad. Paula Silva. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

FREITAIG, Bárbara. O indivíduo em formação. 3 ed. Coleção questões de nossa época. São Paulo: Cortez Editora, 2001.



GALEFFI, D. O diálogo como experiência filosófica fundamental na Educação Básica. In. BORBA, S.; KOHAN, W. (orgs.). Filosofia, aprendizagem, experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. 4ª Ed. Piracicaba: UNIMEP, 2004.

KOHAN, Walter Omar, LEAL, Bernardina, RIBEIRO, Álvaro (orgs.). Filosofia na escola pública. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010. MARÇAL, Jairo (org). Antologia de textos filosóficos. Curitiba-PR: SEED, 2009, 736 p.

MATOS, Junot. Em toda parte e em nenhum lugar: a formação pedagógica do professor de filosofia. 2. Ed. Recife: FASA, 2008. V. 1. 332 p.

ROHR, Ferdinand. A multidimensionalidade na formação do educador. In: Revista de Educação AEC, n. 110, jan/mar, 1990. _____. Ética pedagógica na educação espiritual: um estudo comparativo. In: Caderno de Filosofia. Recife, n. 4, p. 5-45, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 5ª. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1998.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessário para a educação do futuro. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. In. Educação & Sociedade, ano XXII, nº 76, outubro/2001.

ROHDEN, Luiz. Sobre as condições e as implicações da arte de dialogar. In. RIBAS, M. A. C. [et all]. Filosofia e Ensino: a filosofia na escola: Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção filosofia e ensino; 7), p. 195-211.

SALLES, Conceição Gislane Nóbrega Lima de. O Projeto Filosofia na Escola: uma experiência com a prática filosófica na infância. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.



SANTIAGO, Maria Betânia do N. Escola de Bairro e Escolarização na Periferia do Recife. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

_____. Diálogo e Educação: o pensamento pedagógico em Martin Buber. Tese do Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SAVIANI, Demerval. Educação e questões da atualidade. São Paulo: Cortez, 1991 (coleção hoje e amanhã).

SILVA, Luis Lucas Dantas. Sobre a Pedagogia: a preparação pedagógica para a conquista da moralidade sob à luz de Immanuel Kant. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2013.

TAMARIT, José. Educar o soberano: critica ao Iluminismo pedagógico de ontem e de hoje. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1996.

TEIXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 5ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ZUBEN, Newton Von. Martin Buber: cumplicidade e diálogo. São Paulo: EDUSC, 2003.